

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Paulo Freire, os sentidos da educação



EDSON PASSETTI

A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi uma nuvem. Assim mesmo surrealista, de um Magritte, de outro Dali. A segunda foi desligar o telefone. Como se poussa a mão sobre a perna dobrada. Depois, o funeral, o sol e o helicóptero zoando por sobre nós no cemitério da Paz, em São Paulo, naquele sábado, 2 de maio. Voltamos para nossas casas com a lembrança dos aplausos. Muitas palmas para Paulo Freire!

Lembro que terminamos o livro para a editora Elèuthera, de Milão, em 1995, falando de sonhos: "O educador pode dizer que um dos seus sonhos é que o Estado desapareça. Mas a preocupação hoje é com o tamanho do Estado. O que se faz para que isso leve ao desaparecimento do Estado? Palavras só não bastam. Você tem que colocar o rompimento do limite como sonho, dizendo quantos sonhos essa ultrapassagem do limite ainda não prevê".

Paulo Freire gostava de conversar. Era a realidade do seu método dialógico que afirmava conhecimento a partir da troca estabelecida entre pessoas. Foi desta maneira que generosamente deixou muitos depoimentos em forma de livro como co-autor¹, coerente com seu próprio método e deslocando, por diversas vezes, o lugar do autor para a obra como autoria, escrita, biografia e vestígios. É assim que eu o vejo, como

1. Publicou, com Sérgio Guimarães, *Sobre a Educação* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982); com Antonio Faundez, *Por uma pedagogia da pergunta* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985); com Frei Beto, *Esta escola chamada vida* (São Paulo, Ática, 1985); com Donaldo Macedo, *Alfabetização: uma leitura do mundo, leitura da palavra* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987); com Moacyr Gadotti e Sérgio Guimarães, *Pedagogia: diálogo e conflito* (São Paulo, Cortez, 1988); com Adriano Nogueira, *Que fazer: teoria e prática em educação popular* (Petrópolis, Vozes, 1989); com Ira Shor, *Medo e ousadia: o cotidiano do professor* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989); e, comigo, *Paulo Freire, Il viandante dell'ovvio* (Milão, Elèuthera, 1996).

instaurador de discursividade, no sentido atribuído por Foucault em *O que é um autor?*².

A última vez que o vi foi em abril. Estava à vontade, no elevador da PUC-SP, indo para o curso que ministrava no Pós-Graduação de Educação, desde que voltara do exílio. Sorridentes, falamos brevemente sobre a bela entrevista dada à Globo-News, em Nova Iorque, e como lhe caíra bem o colete desabotoado. Rimos, nos tocamos brevemente nos ombros e seguimos para nosso trabalho. Ele realmente se tornara um homem de visual elegante.

Quando eu era criança ouvia falar dele e que tinha inventado um método para alfabetizar adultos em poucos dias. Era um tempo em que alfabetizar era importante, não para se aprender a desenhar o nome, mas para saber mais sobre a vida. Depois, com a ditadura militar, a mesma que atirou Freire ao exílio, veio o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF, querendo dizer que com um programa nacional de alfabetização também se contribuía para o milagre econômico.

2. "A noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências." (...) "Um nome de autor não é simplesmente um elemento de um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome, etc.); ele exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos." Cf. Michel Foucault, *O que é um autor?*, (Lisboa, Vega, 1992), pp. 33 e 44-45.

Milagre, palavra e acontecimento privilegiados na vida da pessoa Paulo Freire, que eu gosto de aproximar de Ernesto Sábato, outro anarquista cristão. Parece antinômico, mas vibra no sentido inverso de servidão voluntária, como o jovem Étienne de la Boétie, no século XVI, procurou caracterizar as pessoas moles.

Ele era do Nordeste, desse mesmo Nordeste que esteve diariamente na minha frente, formado por pessoas que desciam dos paus-de-arara que os desembarcavam, simplórios e esperançosos, na cidade de São Paulo. De repente lá em Angicos, terra de Lampião, em 1962, sertão do Rio Grande do Norte, onde parece que a terra está sendo cozida, ou onde se tem a certeza de que há um magma sustentando e surpreendendo o planeta, estava Paulo Freire ensinando o acesso a outras dimensões da língua portuguesa. Outro gosto ao roçar a língua de Luís de Camões como sempre quis o também nordestino, poeta e músico, Caetano Veloso. Deixado assim pousado na tela do seu computador, vendo "a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire", dito de um certo jeito por Chico César, se transforma em imagem que nos habita. Lá no *mangue beat* dos que andaram pelas setas de Chico Science e outras nações de Zumbi, os caranguejos pernambucanos podem orientar, com sua falta de direção, o desorientado jovem que pretende encontrar um caminho reto e mais curto. Aprendendo com o Nordeste, simultaneamente litoral de Dorival Caymmi e sertão de

Antônio das Mortes, glauberizando o presente e estancando Gilberto Freyre.

Diversas coisas ele acreditou que tivesse dito ou escrito, pouca vezes se importando com a repetição. Gostava de explicitar suas emoções. Gostava de futebol. Gostava de rir de sua apriorista aversão aos norte-americanos e de como mudou sua referência depois que Elza, sua primeira mulher, o persuadiu a não confundir a política norte-americana com os norte-americanos, e seguir para lá, diretamente do Chile, onde passara os primeiros anos de exílio. Viveu em Harvard os sinais do fim do século com o movimento de 68 e da primeira edição de *Pedagogia do oprimido*, escrito entre 1967 e 1968, um de seus mais famosos livros, pela Penguin Books, em 1971. Viveu em Nova Iorque a partir de um convite feito por um monsenhor sob a influência do educador anarquista e ex-padre Ivan Illich. Depois Genebra-Suíça através do Conselho Mundial das Igrejas.

Foram estas conexões que o levaram a todos os lados do planeta. Deixaram-no sintonizado com a proposta de reforma católica, comprometido com o *Terceiro Mundo* mas ligado em todos os mundos, na luta contra a opressão. Freire saiu definitivamente de Jaboatão, do Recife e do Brasil para ser cidadão do planeta.

Aprendeu a andar mundo afora falando com todos, compartilhando costumes, mesmo quando andar de mãos dadas com outro homem lá na África lhe pareceu estranho. Estranho se aqui esti-

vesse; lá foi se sentindo à vontade, sabendo descobrir, coisa muito difícil nos intelectuais que se imaginam descobridores.

Paulo não falava como professor; só algumas vezes, como todo professor. Ficava melhor e mais à vontade quando deixava sua sabedoria transbordar, suavemente. Gostava de falar simples, de aprender e de estar; de ser professor, de ensinar e de ver o que ensinava ser ensinado. De saber aprender com os mais simples, numa atitude cristã e numa singela forma de abençoar a si próprio, sua mãe e seus irmãos pelo sacrifício que fizeram para educá-lo na escola. Depois da morte do pai, quando tinha treze anos, a mãe, *Tudinha*, saiu de Jaboatão para Recife em busca da vaga para o filho Paulo no Colégio Oswaldo Cruz, onde mais tarde ele viria a lecionar Língua Portuguesa. Aloísio Pessoa era o diretor do colégio. Tinha uma filha, Nita, que mais tarde seria aluna de Paulo Freire e depois sua segunda mulher.

A viagem para a escola era feita de trem e demorava muito. Paulo encurtava o trajeto transformando-se em professor de aulas intermináveis. Gostava de criá-las na imaginação, descobrindo que na imaginação a aula dada é sempre melhor. Como Giotto. Como a Madona de Giotto no filme do Pasolini; como o livro que lemos sabendo que comunica inconscientes. Paulo Freire gostava deste lado, solto pela própria imaginação ou atizado, até anos atrás, pela cachaça. Que trazia para dentro e para fora a fumaça do cigarro completando seu visual

quase de feiticeiro com a cara escondida por uma barba que com o tempo foi se transformando na própria falta de limites para o rosto de Paulo Freire. *Ta-te-ti* e a mim também. *Já-je-ji*, cá e ali. *La-le-li* quase tudo que escreveste. Tijolo e como aquele homem simples da primeira aula tu já lê, concretista poeta que de imediato fez rolar na boca sílabas que saboreadas beijaram ouvidos e outros lábios. Bebeu, fumou, gozou e não contabilizou culpas.

Paulo Freire defendia a liberdade de cada um, de todos, livre de censuras ou impedimentos moralizantes. Considerava que o conhecimento era capaz de superar preconceitos. Era a favor de tudo livre, das minorias sendo contempladas e dos perigos das majorias: sabia o que é democracia. Só não era favorável ao aborto. Aí era uma questão de princípio cristão sedimentado. Queria todos livres para terem os filhos que desejassem sem pressões econômicas, violências sexuais, abusos cometidos sobre o corpo. Queria, a seu modo, que a história deixasse de marcar o corpo como a modernidade assim o fez.

Aderiu, sem medo, à crítica à modernidade. Levou-a ao limite aproximando-se de Marx. Mostrou, com certeza, que Marx e o catolicismo podiam conviver numa teologia da libertação, da mesma maneira que tornou claro, antes da esquerda universitária oficial, a sua aversão ao elitismo leninista e às vanguardas políticas. Defendeu a democracia como forma de garantia para a contínua supressão da opressão e não

para um exercício excludente de classe no Estado.

Paulo Freire é lido em todo o planeta. Foi professor e recebeu diversos títulos de universidades pela Terra. É respeitado pela intelectualidade internacional como um dos mais importantes educadores deste século e fonte para estudos de jovens universitários estrangeiros que elaboram teses sobre suas propostas. A educação não pode ser um monopólio do Estado e, por isso mesmo, as escolas devem ser cada vez mais autônomas.

“A pedagogia que me toca é a pedagogia que escuta, provoca e vive a difícil experiência da liberdade.” (...) “A desumanização é a distorção da vocação que acontece na história. A nossa luta é contra a distorção do ser mais. É a revolução. Implica o devir interno e o reconhecimento da vocação ontológica (*gesticulando*). A forma como o devir e a vocação se processam mostra que a história se realiza de diversas maneiras. Eu acho que a revolução é a transformação radical das estruturas, no sentido em que o devir interno passa a se realizar ou a vocação ontológica se constituir, se concretizar. Meus amigos (*estendendo os braços para nós*), as formas revolucionárias mudam historicamente. O que não muda (*trazendo os braços ao peito*) é o desejo do devir e a necessidade do princípio ontológico da vocação.”

É tarde daquele mesmo sábado. Ainda tenho a voz de Paulo Freire na fita de áudio. Sinto-me melhor por ter tido tempo para elaborar e preparar o

livro sobre este instaurador de discursividade. Foi muito rápido, nós sabemos. Rápido como este artigo. Paulo Freire é muito mais importante; nem todos os brasileiros sabem e poucos intelectuais brasileiros parecem concordar. A sombra de Antônio Carlos Jobim com sua voz rouca e acordes certos parece estar nos lembrando que há um ressentimento brasileiro com o sucesso que pretende diluir as virtudes de sujeitos grandes num coletivismo piedoso e boçal formado por um sujeito absoluto controlado, supostamente, pelos modorrentos e chatos.

Quando terminava o livro, depois de conviver um pouco com Paulo Freire, conversei novamente com o grupo de jovens estudiosos que trabalhou comigo naquele processo. Superamos nossas diferenças, passamos a conviver com as mulheres de Paulo ouvindo as fitas. Um dia era Tudinha, noutros Elza e outro com Nita. Passeamos pelo Chile, pelos Estados Unidos, pelo automóvel estacionado, sem uso, na casa em Genebra, pela África e a América Central, por belezas tristes, coloridos alucinados como os sugeridos por Ariano Suassuna e gargalhadas gerais. Paulo Freire era um delicioso contador de histórias. Um contador de sua própria história. Ele "lembra personagens de Guimarães Rosa: um compadre, um sábio do sertão que vagueia sem destino, um delicado Diadorim, um formoso Riobaldo. Outras vezes parece sair simultaneamente da literatura de Mario Vargas Llosa e García Marquez. Pode ser um paciente homem dos

romances de Jorge Amado capaz de entender o significado da autoridade patriarcal redimensionada pela anarquia dos desejos. É um poeta recifense como Manoel Bandeira ou embaixador como João Cabral de Mello Neto". Hoje, revendo tudo outra vez, sei que ele foi um latino-americano simples.

Paulo Freire foi autor de quase vinte livros escritos só por ele. Amava a língua portuguesa, suas mulheres, sua família e Deus. Privilegiava os amigos e quem quisesse ser seu amigo. Foi secretário da Educação da cidade de São Paulo, por dois anos, solidário à sua conterrânea Luiza Erundina, mulher de olhos doces e miúdos que surpreendeu uma cidade dura e conservadora.

Andou pelo planeta para educar não do púlpito, e muito menos da cátedra, mas complementando aprendizados. Não abriu mão de convicções mesmo neste tempo em que muitos se ajustaram aos preceitos democráticos exigidos pelo neoliberalismo, pretendendo conduzir todos nós à via parlamentar. Perguntei ao Paulo Freire se o deslocamento da luta se daria para dentro do espaço *cyber* e ele respondeu: "É lógico. Hoje quem aceitar isso estará dentro e quem não aceitar estará fora. O confronto não é mais no voto, na barricada, mas na tecnologia. Você tem que saber o código de acesso, pura matemática. Adequar as táticas. Estar à altura do seu tempo".

Freire, ou o Paulo, ou Paulo Freire, FREIRE, Paulo, FREIRE, P. e outras formas de chamá-lo, nunca deixou de via-

jar naquele trenzinho que ia e vinha na sua adolescência da escola para casa e da casa para escola. Muito, creio eu, ficou retido na própria imaginação do Paulo Freire. Foi com ele, como irá conosco a de cada um de nós.

*Sem espanto não há ciência,
não há criação artística.*
Paulo Freire

Edson Passetti, cientista político, professor da PUC-SP.